

OLHAR, REFLEXÃO E IMAGINAÇÃO MATERIAL

Reinerio SIMÕES
UVA/UCB-RJ

*"O homem é um deus quando
sonha e não passa de um mendigo
quando pensa".*

Hölderlin

RESUMO

A tradição filosófica configurou dois tipos de imaginação: uma, a faculdade mental de evocar, sob a forma de imagens, os objetos conhecidos por uma sensação ou experiência anteriores; a outra, a faculdade pela qual o espírito cria e recria, embora a partir de formas sensíveis e concretas, imagens novas. No primeiro caso, temos a **imaginação reprodutora**, simplesmente evocativa, que depende, substancialmente das nossas sensações e da memória. No segundo caso, temos a **imaginação produtora**, emancipada da sensível, essencialmente criadora, alegoricamente inventora de novas imagens ou de sínteses originais e imagens.

O obra poética de Gaston Bachelard se filia a esta concepção de imaginação produtora.

RÉSUMÉ

La tradition philosophique a configuré deux types d'imagination: l'une, la faculté mental d'évoquer, sous la forme des images, les objets connus par une sensation ou expérience antérieures; l'autre, la faculté par laquelle l'esprit crée et recrée, bien qu'à partir de formes sensibles et concrètes, des images nouvelles. Dans le premier cas, nous avons l'**imagination reproductrice**, simplement évocatrice, a dépendre, substantiellement, des nôtres sensations et de la mémoire. Dans le seconde cas, nous avons l'**imagination productrice**, émancipé du sensible, essentiellement créatrice, allégorisant, inventrice de nouvelles images ou synthèses originales d'images.

A tradição filosófica tem configurado dois tipos de imaginação: uma, a faculdade mental de evocar, sob a forma de imagens, objetos conhecidos por uma sensação ou experiência anteriores; outra, a faculdade pela qual a mente cria e recria, ainda que a partir de formas sensíveis e concretas, imagens novas.

No primeiro caso, temos a **imaginação reprodutora**, meramente evocativa, a depender, substancialmente, das nossas sensações e da memória. No segundo caso, temos a **imaginação produtora**, emancipada do sensível, essencialmente criadora, alegorizante, poetificante, inventora de novas imagens ou de sínteses originais de imagens.

A poética de Gaston Bachelard filia-se à concepção de imaginação produtora e contribui de modo singular com o conceito de **imaginação material**. Percorremos nos escritos de Bachelard, em sua fenomenologia da imaginação e sua poética do devaneio criativo da arte, o caminho que abandona o espetáculo do mundo e nos convida ao combate feliz da imaginação constelar.

"O homem que sonha é aquele que está mais próximo da realidade", dizia Goethe. **A imaginação material**, que resulta do corpo-a-corpo das potências humanas com as resistências da matéria, precisa ser compreendida como mais uma dentre tantas rupturas de

Bachelard com a tradição filosófica. Se na epistemologia do novo espírito científico esbarramos em obstáculos epistemológicos, que atuam no ato de conhecer e entram a racionalidade científica, podemos analogamente identificar na estética bachelardiana um novo espírito poético, cujos obstáculos à imaginação criadora são entaves ao domínio percuciente da criação poética.

Há um ponto de convergência ou de concordância negativa na obra de Bachelard. Seja na vertente científica, seja na vertente poética, a mesma luta contra o obstáculo da percepção visual, do domínio da forma, da hegemonia da ocularidade. A verve polêmica arma-se contra as determinações visuais, contra o "vício de ocularidade" que tem limitado a filosofia ocidental. Para compreendermos a contraposição bachelardiana entre **imaginação formal** e **imaginação material**, torna-se necessária uma crítica a esta tradição ocularista que perpassa toda a cultura ocidental. Façamos, então, uma análise do **fundamento ocularista**.

Segundo observa Bachelard, a tradição filosófica tem privilegiado a visão como o sentido co-extensivo ao próprio pensar, a exemplo dos gregos antigos que já entendiam o ato de pensar como extensão do ato de ver. Conforme expõe Aristóteles na *Metafísica*, Livro I, 980a:

"Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, **as visuais**. Com efeito, não só para agir, mas até quando nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, **a vista aos demais**. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferenças nos descobre."

A tese de Anaxágoras, de que o homem é o mais inteligente dos animais por possuir mãos, é invertida e sufocada pela corrente contemplativa de matiz aristotélica: o homem não pensa porque tem mãos, dirá o estagirita, ao contrário, tem mãos porque pensa. A hegemonia da visão e o desprezo da manualidade, decorre, sem

dúvida, do escravismo da sociedade grega, que desvaloriza o trabalho manual, próprio de escravos ou classes subalternas, e prestigia o trabalho intelectual, próprio do ócio dos cidadãos livres.

Todo o vocabulário básico da filosofia e da ciência herdou este domínio de metáforas visuais aplicadas ao conhecimento: evidência, perspectiva, enfoque, leitura, ponto-de-vista, teoria, idéia (em grego **eidos**, "forma visível"), intuição (do latim **intuere**, "olhar atentamente"), inteligência (do latim **intus legere**, "ler dentro"), visão-de-mundo, visada, etc.

O **fundamento ocularista** conduz a imaginação para a abstração e o formalismo, fazendo do homem mero espectador e do mundo mero espetáculo. A imaginação cuja índole é visual, Bachelard chama de **imaginação formal**. Idealizando a matéria ou a materialidade das coisas para reduzi-las às figurações, por exemplo, lógico-matemáticas, a **imaginação formal** faz do mundo objeto de contemplação ociosa, escamoteando a matéria viva das coisas e das próprias imagens.

Essa crítica ao fundamento ocularista não se restringe a Bachelard. Inspirado por teses cristãs, Santo Agostinho aponta nas **Confissões**, Livro X, cap. 35, o primado do ver sobre os demais sentidos, quando dele nos utilizamos para enfatizar uma sensação:

"É aos olhos que propriamente pertence o ver. Empregamos, contudo este termo mesmo em relação aos outros sentidos, quando os usamos para obter qualquer conhecimento. Assim, não dizemos: ouve como brilha, cheira como resplandece, saboreia como reluz, apalpa como cintila. Mas já podemos dizer que todas essas coisas se vêem. Por isso não só dizemos: vê como isto brilha, mas também vê como ressoa, vê como cheira, vê como sabe bem, vê como é duro. É por isso que se chama concupiscência dos olhos à total experiência que nos vem pelos sentidos."

Santo Agostinho retoma algumas passagens, como a primeira carta de São João, cap. 2, v. 16, que condena "os olhos

insaciáveis", a volúpia de ver, como coisas que vêm do mundo e nos afastam do Pai.

Recorrendo a Santo Agostinho, Martin Heidegger destaca no § 36 de **Ser e Tempo**, no correr de suas análises do ser cotidiano da presença, o tema da **curiosidade**, da voracidade insaciável de novidades. Diz Heidegger:

"A constituição fundamental da visão mostra-se numa tendência ontológica para "ver", própria da cotidianidade. Nós a designamos com o termo curiosidade. (...) A curiosidade liberada, porém, ocupa-se em ver, não para compreender o que vê, ou seja, para chegar a ele num ser, mas apenas para ver."

Embora em diferentes contextos, Santo Agostinho e Heidegger propiciam uma corroboração às análises bachelardianas. O primado do ver e da curiosidade atestam o fundamento ocularista do pensamento ocidental.

Caracterizada a relação entre fundamento ocularista e imaginação formal, passamos à imaginação material. A inovação de Bachelard frente à tradição filosófica - marcada pela vertente racionalista e pela vertente empirista - consiste na substituição (ou superação) do dualismo sujeito/objeto pelo dualismo energético corpo/matéria. Ao invés da razão contemplativa, da razão ociosa, a razão trabalhadora, aliada da manualidade, o que Bachelard denomina **materialismo técnico**: no lugar de fenomenologia, fenomenotecnia; a ciência contemporânea é uma fábrica de fenômenos. E além da imaginação formal, que bem cumpre seu papel nas formulações de âmbito lógico-matemático, a **imaginação material**, a imaginação ativa, não distanciada como pura visão, que recupera o mundo como provocação concreta e como resistência. A razão operante e a imaginação material são ambas o produto da manipulação do obreiro da ciência e da arte.

Uma filosofia que ainda teima a ver com os olhos, a exemplo da fenomenologia sartreana do imaginário, ou que despreza

o embate, o corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, a exemplo da psicanálise freudiana, que, como ironiza Bachelard, "nascida em meio burguês, negligencia muito freqüentemente o aspecto materialista da vontade humana", essas filosofias herdeiras da linhagem do "filósofo-voyeur", concebem a imagem como simulacro da vida, como o duplo ou o fantasma de uma percepção anterior, cujo significado deve ser completado, informado, ultrapassado pelo conceito. Esse o problema: o psicanalista pensa demais e não sonha o bastante, alfineta Bachelard na **Poética do Devaneio**.

Contra essas tendências ocularistas e intelectualistas rebela-se Bachelard, conforme a introdução de **A Água e os Sonhos**, o texto-manifesto da imaginação material:

"A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que **cantam** a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem."

A psicanálise busca sob a imagem a realidade, explica a flor pelo estreme, esquecendo de buscar a positividade da própria imagem.

A imaginação material resulta do comprometimento do corpo com a concretude das coisas. O poeta da mão é o demiurgo a serviço das forças felizes. Os operários da cidade científica, povoada pelos trabalhadores coletivos da descoberta e da demonstração, avizinham-se dos operários da cidade poética, habitada pelos trabalhadores solitários da celebração. A filosofia bachelardiana é propriamente não uma ontologia (filosofia do ser), mas uma **ontogenia**, uma filosofia da obra, do fazer-ser, da **ontogênese**, portanto.

Enquanto o racionalismo aplicado da ciência produz fenômenos, a imaginação material da poesia fala no âmago do ser. A filosofia bachelardiana é uma **antropologia integral**: as cidades científica e poética formam um só país: o país do homem.

A imaginação material vincula-se às "quatro raízes de todas as coisas" apontadas por Empédocles de Agrigento (Fragmento 6): o fogo, o ar, a terra e a água. Os quatro elementos da física pré-socrática são fontes inesgotáveis para os devaneios criadores, permanecendo como essências materiais recorrentes, como substâncias elementares que alimentam a criatividade interminável da arte.

É possível estabelecer uma filiação poética, uma ancoragem do poeta no mundo através dos quatro elementos materiais. Temperamentos e complexos resultam dessa afinidade: Edgar Allan Poe, temperamento aquático, devaneia sobre a morte filiando-se ao elemento água - eis o Complexo de Caronte. E não terá sido a Morte o primeiro navegador?, pergunta Bachelard em **A Água e os Sonhos**. A imaginação material e dinâmica demonstra a objetividade material de nossa (corajosa) ancoragem poética no mundo.

Assim como falamos, na química, na tetravalência do carbono, ou seja, na propriedade do átomo de carbono estabelecer ligações quadrivalentes, podemos falar, na poética, de uma tetravalência da imaginação material, que liga-se de pronto aos quatro elementos, aos quatro grande reinos cósmicos: fogo, ar, terra e água.

A poética de Bachelard, desenvolvida em obras como **Psicanálise do Fogo, A Água e os Sonhos, O Ar e os Sonhos, A Terra e os devaneios da Vontade**, etc, rompe com a razão contemplativa e a imaginação formal, propondo de modo mais adequado à ciência e à arte contemporâneas, uma razão ativa e trabalhadora, e uma imaginação material dinâmica, a imaginação constelar dos elementos. Percorremos, portanto, com Bachelard, o itinerário que vai do espetáculo do mundo à imaginação constelar.

A filosofia Bachelardiana celebra o signo de um homem sempre novo, multifacetado pelo saber polifônico e proteiforme da ciência e da arte do nosso tempo. Ao analisar o imaginário de

Lautréamont, prógono do movimento surrealista, Bachelard escreveu o que veio a ser, em absoluta coerência, o programa de uma vida:

"Para nós, a escolha está feita: pensamento e poesia novos exigem uma ruptura e uma conversão. A vida deve exigir o pensamento. Nenhum valor é especificamente humano se não for o resultado duma renúncia e duma conversão. Um valor especificamente humano é sempre um valor natural convertido".

Se o mundo é nossa provocação, que seja nossa vocação despertar mundos.